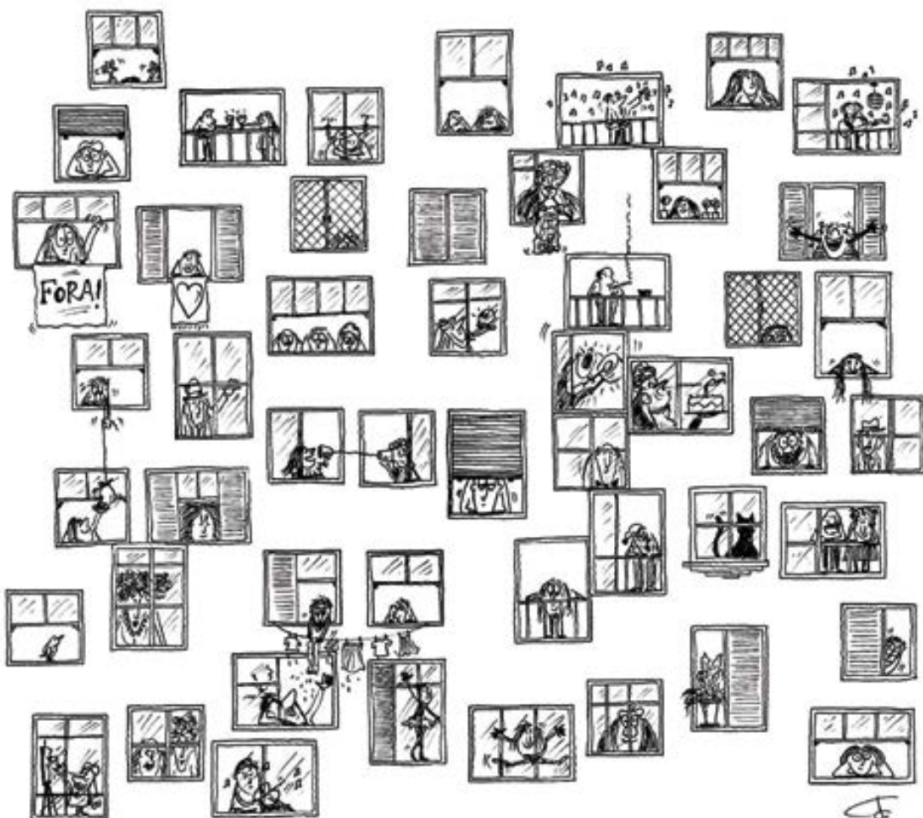


Fernanda Coelho Liberali
Valdite Pereira Fuga
Ulysses Camargo Corrêa Diegues
Márcia Pereira de Carvalho
(Organizadores)

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: BRINCANDO COM UM MUNDO POSSÍVEL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)

L695e Liberali, Fernanda Coelho (org.); et al.
Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível / Organizadores:
Fernanda Coelho Liberali, Valdite Pereira Fuga, Ulysses Camargo Corrêa Diegues e Márcia
Pereira de Carvalho. – 1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2020.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5637-014-9

1. Educação. 2. Ensino Remoto. 3. Meios Auxiliares de Ensino.

4. Processos sociais - Pandemia Coronavirus I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

Bibliotecário Pedro Anízio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação. 370
2. Ensino Remoto. 370
3. Meios Auxiliares de Ensino. 371.32
4. Processos sociais - Pandemia Coronavirus. 303

ENSINAR E APRENDER EM TEMPOS DE COVID-19: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Grassinete C. de A. Oliveira

O rádio é primordialmente um veículo do povo e, por essa razão, tem uma dívida social a resgatar. Se não pretender ser uma escola de vida e de solidariedade, o rádio não tem razão de existir.

(J. Fernandes de Oliveira, 1992)

INTRODUÇÃO

Quando se fala em educação é fácil associar a um espaço físico, a um lugar específico onde alunos, professores e gestores formam uma comunidade, cujo objetivo é propiciar momentos de ensino-aprendizagem. Educação, enquanto instituição, torna-se a responsável por trazer os conhecimentos científicos e fazê-los ter sentidos no cotidiano dos educandos.

A escola torna-se, com esse propósito, a segunda casa do educando. O lugar onde o saber é construído em diferentes diálogos na busca de uma educação de qualidade, responsável por propiciar espaços para o educando se tornar o agente do saber, um sujeito crítico, ciente de seus direitos e deveres, bem como um ser preparado para atuar nos mais diferentes espaços comunicativos.

Dentre os objetivos propostos pelos documentos oficiais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998); Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2000) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017; 2018), o ensino precisa estar articulado com os diversos meios de tecnologias de informação e de comunicação (TDICs) para formar educandos mais participativos, críticos e capazes de atuar de modo eficaz nas diferentes situações comunicativas. Em virtude disso, é necessário propiciar aos educandos mecanismos para que tenham uma atitude crítica, ética e responsável frente às inúmeras informações veiculadas em diferentes esferas comunicativas e midiáticas.

Com essas orientações, o rádio é uma das esferas comunicativas que tem alcance quase ilimitado e uma poderosa fonte de informação e de comunicação entre os ouvintes, pois é possível ouvir e pedir músicas, ter informações locais e mundiais, narrações esportivas, propagandas, ouvir sobre saúde familiar, entre outros serviços que aproximam os ouvintes da comunidade, estabelece vínculos e costumes, bem como dissemina diferentes culturas.

Por conseguinte, utilizar o rádio como instrumento de ensino-aprendizagem na/para educação, auxilia o educando a conhecer e respeitar as variedades linguísticas existentes no país, disseminar a cultura da comunidade, utilizar músicas como ferramenta de análise crítica sobre questões sociais, culturais e filosóficas, para gravar programas e analisá-los com a turma, dentre outras possibilidades que o rádio oferece como aprendizagem (COSTA, 2005).

Estamos no século XXI e mesmo com a televisão e as mídias digitais, o rádio continua sendo uma poderosa fonte de informação e de grande força na influência da opinião pública, porque pode seguir linhas ideológicas e propagar verdades incontestes e absolutas (MANCUSO, 2012). Esse é o desafio da educação contemporânea. Procurar mostrar o rádio como um aliado em questões imprescindíveis da sociedade, como no caso, em específico, da pandemia da covid-19, assim como analisar fatos contestáveis, ou seja, dogmas e discursos que não auxiliam o indivíduo a compreender a sociedade em que vive.

Gutierrez (1978) já discutia não ser mais possível pensar em uma escola encerrada entre quatro paredes, desvinculada dos processos de comunicação. Esse teórico sublinha ser necessário apresentar uma proposta pedagógica tendo o rádio como instrumento de comunicação e informação, aliado às tecnologias digitais e, para além delas, pois configura-se como mecanismo de ensino-aprendizagem, em que ocorre o entrelaçamento de vozes, de sentidos e de significados, de relação entre diferentes indivíduos, além de propiciar informação e saber, como no caso da covid-19.

2. RÁDIO EDUCATIVA

O rádio, por sua informalidade e por estar próximo da oralidade, aproxima-se dos ouvintes de maneira clara e objetiva. Por ser considerado um veículo do povo é responsável pelo que divulga e, na voz do locutor, imaginamos o propósito, os objetivos, quem é o locutor e sua posição/opinião diante do que está narrando. Perosa (1995) apresenta que o rádio pode ser considerado uma arma política e ideológica devido a sua propaganda positiva, emotiva sobre os fatos. Na Segunda Guerra, com Adolf Hitler, a transmissão radiofônica alcançou o apogeu, servindo aos interesses do governo alemão. Por ter como característica a palavra falada mais imediata, vibrante, personalista e apaixonada, o discurso apresentava a verdade imposta pelo nazismo e não necessariamente revelava a verdade sobre os acontecimentos.

Esse cuidado com as informações veiculadas é algo que precisa ser observado entre os envolvidos da proposta pedagógica. A função educativa é “orientar para provocar a organização racional da informação fragmentada recebida, formada pela pressão reprodutora do contexto social” (SACRISTÁN, 2000, p. 26) para uma visão crítica sobre o que é veiculado nesse meio de comunicação. Para isso, colocar o educando como agente da aprendizagem significa possibilitar relações entre a cultura escolar, a teoria-prática e as culturas vivenciadas fora dela, cientes de que a “aprendizagem escolar não acontece no vazio” (SACRISTÁN, 2000, p. 122), mas na interação e interferência com os fatos que acontecem na sociedade.

Desse modo, ao utilizar o rádio como instrumento de ensino-aprendizagem permite-se aos educandos experiências que podem ir além dos conteúdos ensinados na escola, promovendo a interação entre as diferentes áreas do conhecimento, o diálogo entre as diferentes vozes, culturas, língua/linguagens e torna possível o refletir-e-agir sobre os fatos que ocorrem no mundo globalizado.

Mancuso (2012) destaca que o rádio na escola possibilita que o educando pense sobre a própria produção (autoria do pensamento), respeite e reconheça a autoria do outro (direito autoral e intelectual), trabalhe questões que envolvem a ética na comunicação, a veracidade da informação, respeito à privacidade, dentre outras questões que se aliam à responsabilidade por toda a informação divulgada.

Ao ter o cuidado e a responsabilidade pelo que é apresentado para o ouvinte, o estudante encontra no rádio um aliado poderoso para ajudar a romper preconceitos, aceitar as diferenças, dar oportunidade para a fala dos menos favorecidos, organizar a comunidade, resgatar a história (MANCUSO, 2012), bem como para divulgar sobre a cultura local, os eventos da comunidade, divulgar campanhas de saúde pública e auxiliar na economia local.

O rádio existe para estabelecer o diálogo entre os fatos que acontecem na comunidade e no mundo, possibilitando ao ouvinte refletir sobre o que está sendo narrado. As TDICs possibilitam diferentes modos de interação e, ao pensar em uma rádio educativa como instrumento de aprendizagem, em tempos de isolamento social, devido a covid-19, é possível estabelecer uma comunicação adequada e eficiente entre escola e comunidade.

3. RÁDIO NA/PARA A EDUCAÇÃO

Pensar em rádio como proposta pedagógica de ensino-aprendizagem pode ser visto como algo ultrapassado em tempos de tecnologias de informação e comunicação cada vez mais multimodais e multissemióticas (KRESS, 2010; KRESS e VAN LEEUWEN 1996, 2001) que aliam sons, vídeos, textos, imagens, entre outros recursos que seduzem os indivíduos.

Autores como Meditsch (2001), Francisco e Sobral (2010), Figueiredo e Silva (2011) salientam que devido ao aprimoramento das TDICs, o rádio perdeu um pouco de espaço para outras mídias. Todavia, ele continua sendo um meio de comunicação que transita em lugares longínquos, atendendo a qualquer tipo de público/comunidade. Por ser invisível e sonora, continuará existindo e se aperfeiçoando pelas novas tecnologias – *webradio* e *podcast* –, sem deixar de manter a sua função social (MEDITSCH, 2001; CONSANI, 2007).

Consani (2007) justifica que o rádio penetra na vida das pessoas, no cotidiano, podendo levar educação e cultura a todos, em qualquer parte do país. Em razão desse aspecto, ao aliar escola-comunidade é possível articular programas de rádio educativos, informando sobre as causas e consequências da covid-19 e da relevância do isolamento social aos ouvintes. Adiante, o autor apresenta características que denomina de: a) intrínsecas – inerentes à especificidade do meio,

de ordem técnica (liberdade imaginativa, alcance humano e geográfico, simplicidade na produção, baixo custo e agilidade; b) extrínsecas – em decorrência das condições históricas (seletividade, personalidade, adaptabilidade, essencialidade, identificação pessoal) e, c) potenciais – podem ou não se efetivar, mas contribuem para a identidade do rádio (didatismo, musicalidade e utilidade pública).

Essas características auxiliam educador e educando a conhecerem os critérios que marcam uma organização radiofônica, bem como firmam um compromisso com a comunidade em que se situam, com a cultura, com a língua padrão – respeitando as variedades linguísticas –, com a construção da cidadania e, mesmo que caminhe por espaços desterritorializados e ainda não saiba qual “cara” (BOIS, 2003, p. 44) terá com o passar do tempo, o rádio continua a firmar posição como ferramenta de aprendizagem.

Mencione-se que o rádio, em oito décadas, contabiliza expressivas realizações no campo da educação e, segundo Bois (2003), provou ser eficiente e democrático. Para a autora, essa eficácia decorre de alguns fatores significativos como, por exemplo, a rádio educativa não é uma rádio *na* comunidade, mas *da* comunidade (BOIS, 2003, p. 44), pois procura satisfazer as necessidades, os interesses e a promove socialmente. Também, por ter laços sócio-histórico culturais, procura atender os anseios coletivos da maioria da comunidade, sem abandonar as minorias, pois fazem parte da comunidade maior.

Outra diferença de uma rádio comercial para uma educativa é a programação. Bois (2003) aponta que as formas utilizadas para alcançar os ouvintes partem das didáticas – cursos e séries instrucionais – as menos formais – radiojornalismo, séries, spots culturais, utilidades pública, seleções musicais e prestações de serviços à comunidade, com vistas para uma educação aberta, continuada, com linguagem coloquial e apelo afetivo.

De modo semelhante, Girardi e Jacobus (2009) salientam que a programação (noticiários, formativos/educativos, lazer, esportivos, cultura local e os místicos/religiosos) é um conjunto ordenado do que é programado pela rádio e, quando definidos, são veiculados diariamente. Salientam não haver uma regra fixa para os programas de rádio; depende das necessidades do público, da criatividade dos organizadores e do ponto de vista dos produtores. Estabelecido pelo docente e educandos qual programação educativa mais adequada para a comunidade, inicia-se a divisão de trabalho, de modo que todos exerçam um papel significativo, de compromisso com a rádio educativa.

Girardi e Jacobus (2009) argumentam que para fazer uma grade de programação é preciso reunir os programas e organizá-los em uma tabela/lista com o dia da semana e horário de apresentação; título (nome) do programa; nome da equipe ou pessoa responsável; uma breve descrição do programa, de forma que fique visível e compreensível para todos os envolvidos na programação da rádio. A título de exemplo, podemos pensar na seguinte grade de programação educativa:

Quadro 1: Quadro da programação da rádio educativa

Segunda a Sexta-feira			
<i>Público Alvo</i>	<i>Horário</i>	<i>Programação</i>	<i>Locutor(es)</i>
Público em Geral	5h às 7h	Musical variado	Clarice Lispector e Equipe
Público em Geral	7h às 10h	Notícias geral da comunidade, nacional, internacional e eventos	Fernando Pessoa e Equipe
Público em Geral	10h às 13h	Entrevistas e notícias que tratem sobre covid-19.	Hipócrates e Equipe
Juvenil/Adulto	13h às 17h	Documentários, curiosidades e Musical variado	Fernanda Young e Equipe
Juvenil/Adulto	17h às 19h	Teoria-prática na educação e dicas de Enem/Vestibulares	Freire e Equipe
Público em Geral	19h às 20h	Momento Místico	Gandhi e Equipe
Público em Geral	20h às 00h	Notícias da comunidade, nacional e internacional; momento saúde (informação sobre a pandemia e demais que se fizerem necessárias)	Boechat e Equipe

Fonte: Girardi e Jacobus (2009) e Figueiredo e Silva (2011), adaptado pela autora

Aos finais de semana é preciso pensar em uma programação que atenda a todos os públicos, inclusive infantil, pois são os dias em que as pessoas mais ficam em casa e, segundo Girardi e Jacobus (2009), o público precisa ter uma consistência no que é apresentado, pois criam uma identificação com a programação. Ainda na palavra dos autores, a rádio estabelece um vínculo entre ouvinte e o tempo, é informação, diversão, conhecimento, reflexão, mas também funciona como um relógio para muitas pessoas (GIRARDI; JACOBUS, 2009), que aguardam a programação habitual.

Realmente, os avanços tecnológicos ultrapassaram as fronteiras visíveis e nos permitiu navegar e interagir com pessoas de qualquer lugar, dia e em qualquer hora. O rádio sobrevive a essa mudança, revisa modos de atuação, faz-se presente na internet, amplia espaços para o seu uso, o que torna significativo usá-lo como proposta educativa, uma vez que atua para além dos muros da escola (PEREIRA et al., 2001), conectado com a vida real, possibilitando a formação de opiniões e de cidadãos cientes do seu papel na sociedade.

É diante da conexão com a vida real, com a possibilidade de alcançar lugares longínquos, por atender a todo e qualquer tipo de ouvinte, a rádio educativa evidencia-se como instrumento

necessário de informação e de conhecimento sobre a pandemia covid-19. Educadores e educandos podem organizar uma programação flexível, aberta para a comunidade tirar dúvidas, expor suas aflições, propor caminhos para superar a quarentena do capitalismo – desenfreado, desumano e discriminatório – e movimentar uma articulação entre os “processos políticos e civilizatórios para que a humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta que habita” (SANTOS, 2020, p. 31) e para com seu semelhante.

4. RÁDIO EDUCATIVA – UMA PROPOSTA DE INFORMAÇÃO SOBRE A COVID-19

As TDICs modificaram nossos costumes, invadiram milhares de lares, incluíram novas formas de interação e o que entendíamos sobre o público e privado foram revisitados, sendo necessário rever discursos, crenças e valores. Diante das inúmeras informações que circulam nos mais diversos meios de comunicação, aproprio-me do discurso de Roquette-Pinto ao enfatizar que:

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado, pela cultura dos que vivem em nossa terra. Pelo progresso do Brasil. (ROQUETTE-PINTO apud CASTRO, 2002, p. 4)

Esse discurso proferido na década de 30 pode ser relido e fazer parte da nossa sociedade. A rádio continua a ser um instrumento que auxilia não apenas os que se encontram dentro da escola, como fora dela, em lugares longínquos – comunidades ribeirinhas, indígenas –, servindo como veículo de entretenimento e de muita informação, principalmente, ao considerar que estamos vivendo uma situação atípica, de isolamento social, por conta da covid-19.

Em contato com a rádio da comunidade ou da cidade, pode-se propor um espaço para informações sobre a pandemia organizado pelos educandos. Outra possibilidade é pensar em criar uma rádio educativa articulada entre escola e comunidade. A responsabilidade pela programação ficaria entre educadores e educandos, que destinariam um horário para tratar da saúde da comunidade, com foco, por exemplo, na pandemia. Essa pauta urgente é discutida com responsabilidade, com diálogo franco e aberto, informando sobre os diferentes pontos de vista que ultrapassam as fronteiras geográficas.

Assim, organizar programas educativos que discutam como o vírus funciona no ser humano e nos animais, como atua em pessoas infectadas de diferentes idades e classes sociais, que possa justificar a necessidade de haver um maior compromisso com a higiene e, sobretudo, de respeito e solidariedade ao outro, são fundamentais para uma maior compreensão sobre a covid-19.

Ademais, a programação educativa precisa promover a interação entre os produtores do programa e a comunidade, com espaços livres com a finalidade de tirar dúvidas e ampliar o conhecimento sobre a doença. É interessante articular entrevistas com profissionais dos postos de saúde

da comunidade, oferecendo dados sobre o tratamento da doença e qual é a postura das pessoas que vivenciam o problema no local.

Como possibilidade de entender como o vírus atua na sociedade, Santos (2019) apresenta as primeiras lições da pedagogia do vírus, as quais discutem como o tempo político, midiático, econômico articulam medidas que, a princípio, resolvem as consequências da crise, mas não suas causas. Na rádio educativa é possível pensar em um horário que debata sobre o porquê das causas passarem despercebidas pela sociedade, pelos representantes de diversos países.

Também é relevante compreender como a sociedade moderna, regulada pelo estado, mercado e comunidade tornaram-se reféns do capitalismo e como a privatização de bens sociais coletivos – saúde, educação, água canalizada, eletricidade, segurança, alguns meios de comunicação, entre outros, tiveram sob a lógica do mercado, da rentabilidade, prioridade em relação à vida coletiva (SANTOS, 2019).

Esses pontos são relevantes para serem discutidos, tendo em vista que governos consideram a economia como prioridade, acima da pandemia. No caso do Brasil, o atual presidente lança campanha nacional em março de 2020, com o slogan “O Brasil não pode parar”¹, admitindo que a covid-19 matará muitos brasileiros, mas é necessário abrir o comércio, voltar ao trabalho e impulsionar a economia. Esse discurso é contrário às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e, na época, do seu Ministro da Saúde.

É função da rádio educativa desenvolver o senso crítico e, neste momento, ter clareza sobre a pandemia que assola o mundo; é relevante como forma de instrução para a comunidade já que, muitas vezes, há dúvida sobre o que ouve de autoridades nacionais. Santos (2020) alerta que as pandemias, de modo geral, evidenciam cruelmente como o capitalismo incapacita o estado de responder às emergências ocorridas nas crises.

No caso da covid-19, especificamente no Brasil, a falta de alinhamento entre o discurso do presidente com o ministro da saúde (exonerado em abril/2020) e a OMS, causam incertezas e conflitos sobre como resolveremos as questões sociais, educacionais e econômicas, o que torna fundamental o pensamento crítico e a ampla discussão pelos organizadores/produtores da rádio educativa. Somado a esses aspectos, a rádio educativa pode orientar os ouvintes a fim de auxiliar as pessoas com deficiências que vivem na comunidade. Para isso, as igrejas e os centros comunitários são de grande auxílio, porque têm um melhor conhecimento sobre as realidades das pessoas que vivem na comunidade.

Desse modo, o rádio é um instrumento de ensino-aprendizagem eficaz para o educando, envolve desde a produção, organização das matérias, notícias, documentários em áudio, entrevistas até a pesquisa em diferentes fontes para levar a melhor informação possível ao ouvinte, com base na ética e respeito às diferenças. Nesse processo, o professor como mediador do conhecimento precisa estar preparado para responder às necessidades dos educandos e criar espaços de aprendizagem que ultrapassem os muros da escola e consolide a relação escola- família-comunidade.

1 Campanha publicitária O Brasil não pode parar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois que o programa vai ao ar, fica a dúvida. Será que a rádio educativa cumpriu seu propósito de, além de informar seus ouvintes sobre questões de saúde pública, covid-19, conseguiu promover uma educação com vistas para educandos mais críticos, responsáveis e éticos diante das notícias narradas? Espera-se que sim. É na incerteza que educadores e educandos podem criar, agir, reformar o pensamento para reformar o ensino (MORIN, 2014) e transformar a realidade.

Torna-se cada vez mais necessário e imprescindível pensar em formação de professores para atuar em situações instáveis e, segundo Pimenta (2005), repletas de contradições, conflitos e dilemas, marcas que caracterizam o ensino como prática social e que ocorrem em contextos historicamente situados.

A educação é a melhor arma que temos contra o não-saber, contra a simplicidade dos fatos. A educação escolar precisa formar cidadãos para ultrapassar os muros da escola e acompanhar as trajetórias de vida das pessoas na comunidade. A rádio educativa tem a possibilidade de unir os diferentes, a linguagem utilizada é dialógica, considera o outro nas relações comunicativas e tem na palavra, o signo que realiza todo ato ideológico. Assim, a palavra enunciada na rádio educativa pelos educandos interage e se concretiza nos “inúmeros fios ideológicos” (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, p. 106) que penetram as pessoas nas esferas comunicativas, o que a torna um indicador nas transformações sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953-1954] 2003.

BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1998]1999.

BLOIS M. Rádio Educativo no Brasil: uma história em construção. In: CUNHA, M. R. da; HAUSSEN, D. F. (Orgs.) **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Coleção Comunicação. vol. 29. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 35-48.

BRASIL. SEF/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Brasília, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2000.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

- CONSANI, M. **Como Usar o Rádio na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSTA, E. Educação, imagem e mídias. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2005.
- GIRARDI, I.; JACOBUS, R. **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Ideias, 2009.
- GUTIÉRREZ, F. **Linguagem Total. Uma Pedagogia dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Sumus, 1978.
- KRESS, G. **Multimodality**. A social semiotic approach to contemporary communication. New York, Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London and New York: Routledge, 1996.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.
- MANCUSO, V. M. **O uso do rádio no processo de ensino-aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização em Mídias na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, 49p.
- MEDITSCH, E. O ensino de radiojornalismo em tempo de Internet. In: MOREIRA, S. V. e DEL BIANCO, N. R. **Desafios do rádio no século XXI**, Rio de Janeiro: Intercom UERJ, 2001.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reformar, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2014.
- OLIVEIRA, J. Fernandes de. O Rádio a serviço da solidariedade. É possível? In: FERNANDES, Francisco A. M. e BARROS, Laan M. de. (Orgs.). **Comunicação e Solidariedade**. São Paulo: Loyola - UCBC, 1992. p. 177-180.
- PEROSA, L. M. F. de L. **A Hora do Clique: análise do programa de rádio “Voz do Brasil” da Velha à Nova República**. São Paulo, Editora: Annablume, 1995.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, [1994] 2005.
- SACRISTÁN, J. G. Aproximação ao conceito de currículo. In: **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-53.
- SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora: Almedina S. A. Coimbra: Portugal, 2020.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

MATERIAL ONLINE

CASTRO, R. **Roquette-Pinto**: o homem multidão. Disponível em: https://www.aminharadio.com/radio/brasil80_roquette. Acesso em: 15 abr. 2020.

FIGUEIREDO, L. K. de A.; SILVA, I. P. da. **O rádio como ferramenta didática no ambiente escolar**: o exemplo de uma escola pública de Alagoas. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/102.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GOHN. M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PEREIRA, C. M. C. *et al.* Educação em ondas: o rádio como instrumento e como possibilidade. In: Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação, 24, 2001, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: Intercom 2001, v. 1. p. 142-142. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/wp-content/uploads/Educacao-em-ondas.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.